

BERLINCK, Manoel Tosta - A psicanálise além do divã: a cultura psicanalítica em revistas. Por que escrevem os psicanalistas?

Sou, entre outras coisas, diretor da Editora Escuta, diretor da Livraria Pulsional – Centro de Psicanálise e editor de duas revistas científicas: Pulsional Revista de Psicanálise e Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.

Pulsional Revista de Psicanálise é uma revista publicada pela Livraria Pulsional – Centro de Psicanálise, de São Paulo, Brasil e sai quatro vezes por ano, em março, junho, setembro e dezembro. Ela vem sendo publicada há 18 anos ininterruptamente e sem atraso.

A Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental é órgão oficial da Associação Universitária de Psicopatologia Fundamental, uma sociedade científica que reúne professores doutores de universidades de vários países. Ainda que ela se dedique a publicar artigos de psicopatologia que levem em consideração a subjetividade, muitos psicanalistas escrevem para ela.

Com base nessas experiências, gostaria de fazer uma breve reflexão sobre os motivos que levam psicanalistas à escrita.

Essa é questão enigmática porque, como sabemos, há muitos psicanalistas que não escrevem. Além disso, há muitos psicanalistas que acreditam que escrever não faz parte da atividade do psicanalista. Para eles, a atividade do psicanalista deve se restringir ao consultório, onde ocorrem as sessões de análise, as supervisões e os grupos de estudo. Jacques Lacan, por exemplo, sempre revelou intensa desconfiança sobre a função da escrita e da publicação. Por outro lado, Freud foi um escritor compulsivo. Além dos textos que foram reunidos por Strachey na Standard Edition, e que passaram a ser conhecidos como “as obras completas de Freud”, há mais de 5.000 cartas escritas por ele. Finalmente, sabemos que houveram alguns textos que desapareceram e que, provavelmente, foram destruídos por ele.

Freud escrevia por múltiplas razões, e diversas tornaram-se óbvias quando revela os motivos de um determinado texto. Entretanto, o Professor nunca realizou uma reflexão sobre essa prática, ainda que escrevesse praticamente em cada dia de sua longa vida. Ao contrário daqueles que afirmam que Freud escrevia para divulgar a psicanálise, suponho que escrevia para esclarecer as idéias que tinha durante o dia. Digo isso porque Freud escrevia durante a noite, depois de seus longos dias de trabalho. Os trabalhos e as cartas que interessam à psicanálise revelam um pensador muito profícuo, precisando colocar no papel parte dos pensamentos que vinha à sua mente. Clinicar quer dizer pesquisar e essa atividade tem início na observação de idéias que surgem na mente do psicanalista enquanto clínica. Os pensamentos que surgem na mente do psicanalista durante a atividade clínica são muito surpreendentes. As fantasias filogenéticas de Freud são um bom exemplo disso. Mas mesmo pensamentos “triviais”, que dizem respeito à existência cotidiana do psicanalista são igualmente surpreendentes. Por que um determinado pensamento, aparentemente sem nenhuma conexão com a fala do paciente, surge na mente do psicanalista durante a sessão? Sabe-se, desde Ferenczi, que tudo o que passa pela mente do psicanalista durante a sessão (e até depois dela) é manifestação da transferência e que a contratransferência nada mais é do que metáfora da transferência. Investigar as possíveis conexões de sentido entre a fala do paciente e aquilo que afeta o psicanalista – o seu pathos psíquico – durante a sessão constitui o principal motivo da pesquisa e ocorre somente a posteriori, depois da sessão e, muitas vezes, depois do tratamento. Escrever sobre as possíveis conexões entre o vivido na clínica e as articulações de sentido da vivência tem, então, dupla função: a dissolução da transferência no e do psicanalista e a elaboração da vivência clínica numa experiência, ou seja, em um discurso socialmente compartilhável.

As representações que surgem na mente do psicanalista durante a atividade clínica, são manifestações da transferência e, neste sentido, o psicanalista é pensado pela fala do paciente durante a sessão e isso é, ainda, mais surpreendente. Os escritos de Freud – mesmo os textos denominados por muitos de antropológicos – são frutos desse afeto, desse pathos. Assim, a leitura dos “textos antropológicos” de Freud não suportam versões sociológicas, a não ser como resistência do leitor. São, quase todos, escritos decorrentes de seu grande interesse pela neurose obsessiva e fazem parte da pesquisa que realizou sobre essa manifestação. Assim, eles precisam ser lidos da mesma maneira como lemos os textos clínicos, ou seja, como manifestações escritas da transferência.

Poderíamos, então, dizer que Freud escrevia para dissolver a transferência, ou seja, transferia para o papel a transferência de cada dia. A dissolução da transferência é, pois, um trabalho que faz parte da existência do psicanalista, ou seja, a psicanálise não implica, apenas, a dissolução da transferência do paciente. Mas essa ocorre, também, na medida em que o psicanalista é capaz de dissolver a transferência do paciente.

A experiência psicanalítica, como já foi dito, é um trabalho a posteriori e implica a dissolução da transferência num discurso mais ou menos coerente que vai compondo um determinado saber: o saber do psicanalista a respeito de sua clínica, saber que é eminentemente subjetivo, ou seja, que não é de autoria nem do psicanalista nem do paciente, mas do sujeito. Há, pois, na escrita psicanalítica, uma questão de autoria: o que Freud escreveu, foi escrito por ele. Mas a autoria do que escreveu não é dele, nem dos pacientes que suscitaram esses escritos. Trata-se de uma obra em co-autoria. Entende-se, assim, que a atividade da escrita faz parte da análise interminável do psicanalista, que se trata pela escrita.

É por isso que a escrita psicanalítica é algo que deve, antes de tudo, surpreender o próprio psicanalista. Se um texto é escrito sem produzir surpresa em quem escreve, não contém transferência e, portanto, é um texto objetivo. Os textos de Freud são impregnados da transferência. Lembremo-nos, por um momento, do texto sobre o Homem dos ratos: trata-se de um escrito completamente obsessivo em sua forma e em seu conteúdo. Considero esse texto particularmente revelador da natureza transferencial do escrito psicanalítico. Nele Freud se enreda não só na obsessividade de seu cliente, mas, também, em sua própria obsessividade. A transferência, nem sempre aparece diretamente nos escritos de Freud, como ocorre no texto sobre o Homem dos ratos. Lembremo-nos, por exemplo, do texto baseado no livro escrito pelo Presidente Schreber. Freud expressa, aí, uma longa e complexa vivência transferencial vivida com o grupo da Suíça (e não, apenas, com Jung). Freud enfrenta, nesse texto, seus próprios componentes paranóicos, pois sabemos que a transferência provoca, no psicanalista, manifestações de seu próprio pathos.

Escrever psicanálise é, portanto, realizar um trabalho de dissolução da transferência que não se dissolve nem na análise pessoal do analista, nem em seu trabalho de supervisão. É um resto transferencial que necessita – em certos casos e para certos psicanalistas – ser transformado em escrita. O enigma, entretanto, não se resolve com essas considerações, pois como é possível reconhecer que um texto é psicanalítico? Evidentemente, não basta que trate de temas psicanalíticos. Há excelentes textos universitários sobre psicanálise que não são textos psicanalíticos. Há, inclusive, traduções que não são traduções psicanalíticas. Por exemplo, a tradução da Edição Standard Brasileira, publicada pela Imago, é uma tradução psicanalítica. A nova tradução das obras de Freud, que a própria Imago vem publicando, não é uma tradução psicanalítica. É uma excelente tradução universitária e iluminista. Mas está longe de ser uma tradução psicanalítica.

Como é possível dizer isto?

O que me autoriza dizer isto é o efeito que a leitura produz. Quando leio Freud na tradução da Edição Standard Brasileira, apesar dos numerosos erros que contém, sou freqüentemente levado a um estado de sonho, ou seja, começo, sem querer, a divagar sobre o texto e sou levado por imagens e representações de palavras, como se tivesse sonhando de olhos abertos. Muitas vezes interrompo a leitura para divagar, para ser levado por esse estado de sonho. Quando, por outro lado, leio o primeiro volume da nova tradução, nada disso acontece. Sou levado a uma leitura fria e objetiva, sem divagação, sem estado de sonho. Ao contrário, fico crescentemente irritado com as numerosas interrupções provocadas pelo tradutor, que esclarece o texto de Freud e ignora a semântica do texto. O leitor reconhece, então, um texto psicanalítico pela transferência que ele produz. Mas, aqui, é necessário reconhecer que nem todo leitor é capaz de perceber essas características tão sutis de um texto. O reconhecimento de um texto psicanalítico requer um leitor que tenha uma vivência clínica em que a transferência se fez presente e foi analisada. Ler textos psicanalíticos é, portanto, uma atividade subjetiva equivalente à que ocorre na clínica: o autor transfere no leitor a possibilidade de um espaço favorável à livre associação surpreendente revelando, assim, sua natureza subjetiva e psicoterapêutica. A difusão da cultura psicanalítica ocorre, portanto, além, muito além do divã. Há 18 anos, quando iniciei minhas atividades de editor de livros e revistas, praticamente contava nos dedos da mão os escritores de psicanálise no Brasil. O catálogo da Editora Escuta foi construído, no começo, com livros de psicanalistas franceses não lacanianos. Essa foi uma decisão editorial consciente. Sabíamos – Maria Cristina Rios Magalhães e eu, diretores da Editora –, que seria impossível construir um

catálogo com autores brasileiros simplesmente porque eles não existiam. Hoje, a quantidade de autores de artigos e de livros de psicanálise é da ordem do milhar. O ensino da psicanálise nas universidades brasileiras, especialmente em programas de pós-graduação de psicologia clínica, produziu um gigantesco aumento do número de artigos e livros. Assim, por exemplo, Pulsional Revista de Psicanálise tem artigos pautados para os próximos dois anos, apesar do crescente número de artigos recusados por consultores externos (peer reviewers). O mesmo ocorre com a Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.

Por outro lado, o público leitor aumentou muito, nesses últimos vinte anos, graças, também, ao ensino da psicanálise na universidade. Além disso, é evidente que a formação dos psicanalistas da IPA também muda nesse sentido. Hoje, a Revista Brasileira de Psicanálise e outras revistas de sociedades regionais são leitura obrigatória para qualquer um que queira se inteirar das pesquisas em andamento. Ler e escrever se transformaram, então, numa prática incorporada à formação do psicanalista e isto está provocando uma ampla difusão da psicanálise na cultura brasileira. Entretanto, há algumas tendências nesses escritos que gostaria de ressaltar.

Em primeiro lugar, um grande número de artigos e de livros não visa a dissolução da transferência. Ao contrário, são textos que servem como repetição de uma transferência que não se dissolve. Isso se manifesta pela ortodoxia textual. São livros e artigos que reafirmam obsessivamente a filiação a um mestre. Estes textos raramente contêm transferência, no sentido que empreguei acima. Eles revelam que o autor leu cuidadosamente e compreendeu os conceitos e principais argumentos utilizados por um psicanalista-mestre. Esses textos não produzem estado de sonho no leitor, não levam o leitor à livre associação. Solicitam, sim, uma atenção racional e objetiva do leitor.

Em segundo lugar, há um crescente número de artigos e de livros que revelam uma grande capacidade de miscigenação dos autores. São, em geral, textos produzidos na universidade, que revelam cuidadosas pesquisas a respeito de uma determinada manifestação clínica e de possíveis maneiras de tratá-la. São textos que procuram articular raciocínios psicanalíticos de diferentes tradições com o objetivo de encontrar palavras representativas de vivências clínicas. Chamo esses textos de trabalhos miscigenados porque justapõem, por exemplo, partes de Winnicott com partes de Lacan, com partes de Freud, com partes de Melanie Klein e resultam em monstros e monstregos semelhantes aos observados no Brasil pelos primeiros viajantes estrangeiros que aqui aportaram e descreveram, de forma fantástica, nossa flora e nossa fauna. Estes textos miscigenados, alguns verdadeiramente maravilhosos, outros bastante fantásticos, são recurso psicanalítico tipicamente brasileiro. São um efeito da cultura e da sociedade brasileira, reconhecidamente miscigenadas. Ao contrário do que ocorre na Europa, onde a pureza é um valor institucionalizado, o Brasil é uma sociedade impura, com uma cultura impura. Mas, atenção, somos europeus, muitas vezes educados na Europa. Mas não conseguimos incorporar integralmente o valor da pureza e cultivamos a miscigenação. Esta, por sua vez, não quer dizer mistura. A miscigenação se aproxima da bricolage, tão bem caracterizada por Claude Lévi-Strauss no primeiro capítulo de O pensamento selvagem.

Pretendo sugerir, assim, que a contribuição brasileira à psicanálise passa pela miscigenação, a capacidade de justapor partes de diferentes "etnias psicanalíticas" numa nova etnia em busca da elaboração de vivências clínicas jamais alcançadas por justas palavras. * Trabalho apresentado em Mesa-redonda no 44o Congresso Internacional de Psicanálise da IPA, realizado de 28 a 31 de julho de 2005, no Rio de Janeiro, RJ e publicado em Pulsional Revista de Psicanálise, ano XVIII, no. 183, setembro de 2005.